



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

**AGDA MONIELLY OLIVEIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**DUAS ESTRADAS- PB  
2017**

**AGDA MONIELLY OLIVEIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Mestre Jéssica Lobo Sobreira.

**DUAS ESTRADAS- PB  
2017**

S586i Silva, Agda Monielly Oliveira da.

A importância da leitura para o desenvolvimento da criança no ensino fundamental / Agda Monielly Oliveira da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
41f.

Orientadora: Jéssica Lobo Sobreira  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Leitura. 2. Prática social. 3. Desenvolvimento infantil. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 028(043.2)

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof. \_\_\_\_\_  
Profa. Orientadora – Jessica Lobo Sobreira.  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. \_\_\_\_\_  
Prof. Mestre – Wilder Kleber Fernandes de Santana  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. \_\_\_\_\_  
Prof. Mestre – Miriam Espíndula dos Santos  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aos meus pais, que com muito carinho e apoio, não mediram esforço para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À minha família, por sempre acreditarem em minha capacidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me fazer acreditar em mim e me fortalecer a cada dia mais.

A minha mãe, pelos conselhos de persistência, de força e coragem.

À orientadora, professora Jéssica Lobo Sobreira, pela atenção e desvelo na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao professor Wilder e a professora Miriam por muito terem contribuído no presente trabalho.

À todos, que me auxiliaram nesta jornada acadêmica!

“Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitissem às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”.

(Paulo Freire)

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso analisa a importância da leitura para o desenvolvimento da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do município de Duas Estradas. Como aporte metodológico, foram utilizados questionários direcionados à leitura e sua contribuição no contexto educacional. Após análise desses questionários foi identificado como ocorre o processo de leitura em sala e qual a importância desta no contexto escolar. No que se refere ao suporte teórico foram utilizados principalmente os seguintes autores: Abreu (1999), Freire (2006) e Goulemot (2001). Por fim, verificamos que o hábito da leitura ainda é essencial no desenvolvimento dos alunos, sendo necessário que a escola concentre sua atenção nessa questão, diversificando conteúdos para o perfeito desenvolvimento do gosto pela leitura, afim que alcance o verdadeiro respaldo de prática social, capaz de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel, tanto na vida escolar, como em seu cotidiano.

**Palavras-chave:** Leitura. Prática social. Desenvolvimento da criança



## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the importance of reading for the development of the child in the initial years of Elementary School in a school in the municipality of Duas Estradas, located in the northeast of Brazil. The methodology used was based on the application of questionnaires with the theme of reading and its contribution in the educational context. It was identified how the reading process occurs in the classroom and how important it is in the school context. On the theoretical contribution, the following authors were used: Abreu (1999), Freire (2006) and Goulemot (2001). Finally, we verified that the habit of reading is still essential in students' development, in order to achieve the true support of social practice, capable of forming critical citizens and aware of their role mainly in school life.

Keywords: Reading. Social practice. Development of the child.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. METODOLOGIA.....	13
2.1 Objetivos.....	15
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 O uso da leitura enquanto prática social.....	16
3.2 A prática de leitura na escola.....	20
3.3 O uso da leitura na educação infantil e ensino Fundamental.....	24
3.4 A Importância da leitura.....	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS.....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho foi desenvolvido mediante entrevistas pré-definidas, com utilização de questionários devidamente respondidos, num universo de cinco educadores de ensino fundamental, atuantes na escola objeto de nosso estágio, especificamente os formados em Língua Portuguesa, Letras e Pedagogia, onde cujo principal objetivo foi analisarmos a prática da leitura em sala de aula e quais os benefícios de seu uso no contexto escolar e na atualidade. Diante disso, e diante de estudos realizados de forma clara e objetiva em alguns autores, podemos ainda exercer um trabalho informativo, baseando se em opiniões de outros estudiosos e ainda de forma mais abrangente.

Na concepção de Paulo Freire (2000, p.5), leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver. O mais importante é colocar em prática esse conceito e entender que é preciso ler tudo aquilo que produz uma identificação com a vivência diária de cada um, e o mesmo deverá ocorrer com as crianças, mas quem deve direcioná-las a isso são os adultos, nesse caso os professores em sala de aula. A leitura não pode ser vista unicamente limitada a transmissão de conteúdos em sala de aula, mas também visa formar o hábito como aquisição de conhecimentos constantes para a vida.

É o exercício da leitura que nos faz tornarmos seres críticos e pensantes em meio à sociedade em que estamos integrados. É através dela que chegamos a um nível máximo de conhecimento, seja lendo um livro, jornal, ou até mesmo um folheto, isso faz com que nossos pensamentos sejam despertados diante da ideia de ampliar nossos conhecimentos, enxergando que existe um mundo a mais dentro de um livro que só conhecerá de fato quem aprender e utilizar o hábito de ler.

Quando criança, aprendemos a ler, porém acredita-se que isso não seja o suficiente quando se trata de adquirir o hábito da leitura, é necessário que haja motivação de pais e professores para que a criança carregue consigo a ideia de que a leitura seja não apenas importante, mas fundamental em sua vida estudantil e isso servirá como base para uma vida futuramente crítica e reflexiva em seu mundo pessoal e acadêmico.

O tema dessa pesquisa surgiu, a partir de debates com cinco professores formados na área de Pedagogia, sendo eles docentes de uma pequena escola no município de Duas Estradas, no interior da Paraíba, onde o objetivo dessa problemática busca compreender a importância do uso da leitura na educação fundamental, de fato refletir como o uso da mesma pode contribuir para a aprendizagem e dessa forma sendo visto como prática social. No entanto, para a realização do presente estudo, buscamos contribuir de alguma sorte, no processo de leitura e através de importantes aspectos perceberem as dificuldades enfrentadas por professores ao levarem para sala de aula o hábito da leitura, ao trabalharem a questão literária no dia a dia escolar, teremos visões diferentes de professores que lecionam há alguns anos e trabalham o ato de ler dentro e fora de sala de aula, onde podemos perceber que o uso da leitura pode ser visto e considerado como prática social, e que relativamente o ser humano necessita da prática e do exercício do mesmo.

Dessa forma, além dessa introdução que ainda contem a descrição da metodologia e do campo de pesquisa, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: um capítulo que trata sobre o uso da leitura enquanto prática social e também sobre a prática da leitura na escola; O terceiro capítulo versa sobre o uso da leitura na educação infantil e no ensino fundamental; O quarto capítulo versa sobre a importância da leitura, seguindo-se os resultados e discussão e as considerações finais.

## 2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado de Maio a Junho de 2017 em uma escola municipal localizada no município de Duas Estradas – PB. Para elaboração da pesquisa bibliográfica utilizou-se diversas fontes como: livros, artigos, periódicos acadêmicos e materiais diversos da escola pesquisada, como: projeto político pedagógico da escola, cadernos de registros de aula de professores, atividades dos alunos, fotos de eventos e de atividades, materiais utilizados em sala de aula; documentos estes, que permitiram conhecer melhor os alunos atendidos, suas condições evolução e aprendizado e principalmente as práticas de leitura e escrita dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.

Inicialmente foi feita uma observação participante em sala de aula na escola pesquisada, onde o intuito era observar as contribuições trazidas pelo exercício e prática da leitura em sala de aula para o desenvolvimento da criança realizadas entrevistas cinco professoras para esclarecer os métodos de ensino. Ambas possuindo vasta experiência na instituição como educadoras. A pesquisa caracteriza-se, ainda, como de campo sob uma abordagem qualitativa. Sendo realizada com o objetivo de observar os fatos, fazer coleta de fatos diretos no universo pesquisado, bem como, dos documentos para posteriormente serem analisados e constituírem uma base de fundamentação teórica juntamente com os pressupostos de autores e estudiosos e documentos sobre educação infantil e educação de deficientes visuais. Sob o aspecto qualitativo da pesquisa Ludke e Andre 1986, relatam:

A metodologia de pesquisa qualitativa possui maior preocupação com relação ao aprofundamento e observação dos dados, pessoas e documentos que serão utilizados. “A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com a situação que está sendo investigada”. (LUDKE; ANDRE, p.11, 1986).

Neste mesmo sentido observa Richardson, 2012:

Descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos”. (RICHARDSON, p.80, 2012).

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas, observações e participações, através da aproximação com os alunos, interação nas atividades, quando possível, a fim de, compreender as dificuldades e as práticas pedagógicas utilizadas na referida instituição no período que precede a alfabetização em Braille.

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal situada na cidade de Duas Estradas, no interior do Estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião de Guarabira, onde através de uma pesquisa básica de campo e por meio de uma abordagem qualitativa podemos analisar e conhecer um pouco sobre o hábito da leitura, suas contribuições e uso da mesma por professores da referida escola.

Mediante observação *“in loquo”*, no campo de estágio, constatamos que um dos múltiplos desafios da escola é fazer com que os alunos tornem-se futuros leitores e ao mesmo tempo possuam o exercício diário da mesma, que podemos pensar na possibilidade de que a leitura é de fundamental importância para os docentes e discentes atuais, nos levando ao entendimento de que toda atividade educacional que se concretiza em relações pedagógicas é, portanto uma prática social, que de fato apresenta características históricas, implicações teóricas e compromissos político. Dessa forma é possível pensarmos em uma sociedade em que o uso da leitura seja vista e entendida como prática social.

A escola campo de pesquisa foi fundada no ano de 1994 e está situada em um setor central da cidade. A mesma exerce as seguintes séries educação infantil e ensino fundamental e conta com uma equipe de profissionais qualificados, onde atende às séries do Pré-escolar ao 3º ano do ensino fundamental em dois turnos: manhã e tarde, no período de 7:00 às 11:00 e das 13:00 às 17:00 horas, incluindo todas as modalidades a escola atende em média 120 alunos. Conta com um prédio amplo, espaçoso e bem dividido. Possui seis salas de aulas, uma cozinha, quatro banheiros, sala de professores, secretaria, brinquedoteca, biblioteca, refeitório, e um salão de lazer e diversão.

Participaram dessa pesquisa 05 (cinco docentes) de um universo de (dez) professoras para responderem um questionário de questões objetivas e subjetivas para coletar as informações necessárias à essa pesquisa de campo, essa aplicação ocorreu no mês de maio de 2017

Os instrumentos utilizados para coleta de dados da pesquisa foram através de questionários com perguntas subjetivas e objetivas, para obtenção de dados que nos permitam um estudo sobre o tema proposto, havendo uma análise reflexiva desses questionários para que pudessem ser levantados os dados para as análises e contribuições da pesquisa. Os dados coletados foram analisados e partir dos conteúdos obtidos e também interpretados, buscando ligação entre os resultados obtidos sobre uso da leitura na educação fundamental.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

- Analisar a importância da leitura para o desenvolvimento da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **Objetivos Específicos**

- Identificar as possíveis contribuições trazidas pelo exercício e prática da leitura em sala de aula para o desenvolvimento da criança;
- Averiguar o entendimento dos docentes acerca do exercício da leitura trabalhados no dia a dia escolar;
- Compreender o processo de leitura nas primeiras séries iniciais.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 O USO DA LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

Nas últimas décadas, no Brasil, têm sido realizados vários estudos, que tematizam a leitura em seus variados enfoques – histórico, social, discursivo, lúdico, tecnológico, tratam-se, em sua grande maioria, de trabalho que visam explicar a importância da leitura para o sujeito – na escola e na vida -, bem como buscar alternativas para amenizar os efeitos negativos provocados pela falta de entendimento sobre o que significa ensinar a ler. Como se sabe, a leitura ocupa lugar de destaque no processo de ensino aprendizagem e sua prática, após o processo de alfabetização, vai se fazer presente não apenas na disciplina Língua Portuguesa, mas acompanhar o sujeito-leitor nas demais disciplinas e por toda a sua vida.

Pensar a leitura como um processo de formação do sujeito-leitor implica relaciona-la à subjetividade desse leitor. Conforme Freire (2006, p. 21):

É nesse sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir - se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido.

Na perspectiva não se poderia pensar a leitura apenas como um ato prazeroso ou como meio de se adquirir/resgatar informação, mas como um processo que transforma o sujeito. Isto porque a leitura tem efeitos sobre o sujeito, ela afeta seu eu, podendo constituí-lo e até modificar o que e quem lê. Independente do sujeito, ao se terminar uma leitura, não se estar igual ao momento em que se iniciou. Do mesmo modo afirma Goulemont (2001, p. 116): “[...] a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro”, trata-se de fato, de uma troca.

Atualmente, temos, na sociedade, um discurso positivo de valorização da leitura. Não se trata apenas da valorização da leitura na escola, mas também fora



dela, ou seja, nos espaços sociais em geral. Ao mesmo tempo, no entanto, temos uma contradição: as inúmeras pesquisas que tem sido realizada a esse respeito revelam que o brasileiro lê muito pouco.

A pergunta que fazemos é: - por que e para quê é necessário ler? De acordo com estudiosos do campo da leitura, a prática da leitura possibilita ao sujeito a formação do pensamento crítico, que pode contribuir para a autonomia do sujeito. Frente ao texto escrito, por exemplo, o leitor deve se conscientizar “de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar” (SILVA, 1987, p. 80). Ao longo da história da leitura no ocidente, verifica-se que a leitura nem sempre foi reconhecida como sendo uma prática inerentemente boa, seja no plano individual seja no social (CAVALLO E CHARTIER, 2002).

Para Abreu (2002), parece “bizarro” hoje estimular-se tanto a leitura da literatura depois de todos os alertas sobre os perigos da leitura em excesso, especialmente, a dos romances:

Eles [os livros] foram vistos, até o século XIX, como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças, suponha-se que a leitura de romances levava ao contato com cenas reprováveis, estimulando a identificação com personagens envolvidos em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões ilícitas e os crimes. Acreditava-se, talvez mais do que nós o façamos, no poder da leitura na determinação de comportamentos: um leitor de romances certamente desejaria transportar para sua vida real as situações com que travara contato por meio do texto. Também perigoso era o impulso de imaginar-se no lugar de personagens envolvidos em situações criminosas: supor-se no lugar de uma adúltera era quase tão grave quando praticar o adultério. Mesmo os que resistissem à tentação de aproximar a matéria lida do mundo vivido seriam prejudicados, pois ocupariam tempo precioso com a leitura de material tão pouco elevado, esquecendo-se de suas obrigações cotidianas. (ABREU, 2002, p. 126).

Desse ponto de vista podemos observar que as leituras de romances naquela época era caso de espanto e era considerado pior se o leitor pertencesse ao sexo feminino. Nesse caso a moral estaria em risco. Os homens, de modo geral, representavam outro setor da sociedade e a eles não convinham ler esse tipo de literatura. Eles tinham outras questões das quais deveriam se ocupar. Por outro lado, podiam ler todo tipo de obra e costumavam se expor para serem retratados em suas bibliotecas ou em espaços públicos, lendo livros, ou jornais. Esse tipo de

exposição denotava certo grau de intelectualidade e poder, isso era exatamente o que eles buscavam demonstrar.

Aqui visamos dentro de algumas citações e relatos históricos alguns meios de como a leitura passou por tanta intempérie até chegar a nossos dias. Outra revolução da leitura apontada por Chartier (2002) refere-se ao acesso ao livro, aos diferentes gêneros textuais e, conseqüentemente, às novas práticas de leitura. Essa evolução.

[...] ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante o século XVIII, apoiou-se em diferentes circunstâncias: crescimento na produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre início do século e os anos 80, a multiplicação e a transformação dos jornais, triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos) que tornaram possível ler livros e periódicos sem ter que compra-los (CHARTIER, 2002, p. 24).

Com essa revolução, os leitores deixaram de ter um acesso limitado aos textos, que eram relidos várias vezes e memorizados, geralmente com o objetivo de serem recitados. Tratava-se de uma espécie de prática sacralizada do texto. E assim como a leitura silenciosa, o crescimento da produção da cultura impressa propiciou ao leitor uma maior liberdade, desta vez, na escolha dos impressos, os quais ainda eram submetidos à avaliação e à censura. Não se pode deixar de salientar que, nesse mesmo período, o aumento da produção de livro fez surgirem novos espaços de leitura – bibliotecas, clubes de livros etc. – e novas categorias de leitores, em geral até então excluídos do acesso à prática da leitura: falo aqui das crianças, mulheres e trabalhadores.

Chartier (2002) destaca também uma revolução da leitura que até os dias atuais passa por transformações: trata-se da transmissão eletrônica de textos, ou seja, as publicações já não se restringem apenas à imprensa. Se até algum tempo atrás estávamos ligados apenas a uma cultura impressa, que, de certa forma, limitava a possibilidade do leitor intervir nos textos – as intervenções aconteciam clandestinamente, as margens e espaços em branco da página: “[...] desde o século XIV, [...] o leitor não pode insinuar sua escrita a não ser nos espaços virgens dos livros” (CHARTIER, 1999, p. 103) -, hoje temos a disseminação de textos em um

suporte – a internet – que possibilita ao leitor fazer supressões, indexações e decomposições, tornando-se assim um dos autores do texto.

Então ao passar dos tempos podemos ver as formas de leitura chegando à internet, espaço atual de tantos textos formais e informais de chats de conversa e informação mostra que leitura ganha uma nova dimensão, onde os livros ficaram mais esquecidos por uma parte dos jovens que preferem a leitura virtual em um mundo globalizado e ligado pelas redes sociais e a evolução da internet nas classes mais pobres, ou seja, o acesso à informação aqueles que moram em regiões pobres e de difícil acesso a bibliotecas.

Com relação às políticas de leitura, ainda há uma distância enorme entre o proposto e a realidade. Exemplo disso é que um dos objetivos do Plano Nacional do Livro e da Leitura era a implantação de bibliotecas em todos os municípios do país em até dois anos. Assim nos perguntamos se isso já foi concretizado, uma vez, que segundo esse Plano em 2006, o Brasil contava com aproximadamente 630 cidades sem biblioteca.

Dentro das práticas de leitura, destacamos alguns pressupostos a partir das considerações do professor Ezequiel Teodoro da Silva, na obra *A produção da leitura na escola: pesquisas x proposta*; que aponta os requisitos fundamentais para o ensino e dinamização da leitura escolar, sendo que o trabalho do educador merece atenção especial, principalmente na resolução de três problemas na prática pedagógica, a saber: “não mais se lê para melhor compreender a vida, mas para cumprir os artificialismos e pretextos impostos pela escola: treinamento da língua culta”; o sentido legítimo, pronto e acabado, onde predomina o famoso tripé: cópia, paráfrase e memorização; e por fim a experiência descontínua e fragmentada, pois é de suma importância pensar que a promoção da leitura é de responsabilidade de todo corpo docente de uma escola e não apenas dos educadores de língua portuguesa.

É com essa realidade que ficamos pensando como cobrar algo que não oferecemos o Brasil é um país onde livros são muitos caros e de difícil acesso para as camadas mais pobres e carentes de informação, os livros didáticos vem com linguagem que não correspondem à realidade vivida pelos alunos, causando total

desinteresse até por muitas vezes não conhecer determinado objeto ou contextualização a qual ele estar inserido.

### 3.2 A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA

Grosso modo, os espaços destinados à leitura na escola podem ser divididos em dois: (1) um mais amplo, o ambiente escolar propriamente dito, por meio dos murais, das bibliotecas e pelas (raras) salas de acesso à internet – muitas vezes estas, quando existem, não são utilizadas devido à falta de capacitação dos professores para operar as máquinas; e (2) outro mais restrito, o espaço da sala de aula, que envolve a relação professor-aluno-texto. Este último espaço abrange duas perspectivas distintas: de um lado, busca-se sistematizar a prática da leitura enfocando habilidades que vão desde a fluência, entonação e rapidez na decodificação dos signos linguísticos, bem como o trabalho com atividades gramaticais de outro lado, encontram-se as possibilidades de práticas de leituras diferenciadas, por meio de gêneros e suportes textuais diversos, utilizados nas atividades de leitura, mas que, infelizmente em sua grande maioria, preservam as formas e objetivos das práticas de sistematização da leitura.

É preciso dizer que nos limitaremos, aqui, a estabelecer uma reflexão sobre a leitura no espaço de sala de aula, lugar em que o aluno tem alguém – o (a) professor (a) – supostamente preparado para conduzi-lo no mundo da leitura. O espaço da sala aula deve ser o lugar no qual se materializa a tarefa básica da escola: possibilitar ao aluno o acesso a leitura enquanto um ato de produção de sentidos. No entanto, pelo que se pode depreender das práticas leitoras desenvolvidas, a escola parece ver a leitura apenas como habilidades – decodificação – que deve ser treinada e melhorada com o passar dos dias (ou anos!).

Alguns estudiosos da linguagem vêm tentando mostrar o erro do professor utilizar o texto como pretexto para atividades escolares – gramaticais de verbalização, entre outras. Para Lajolo (1986, p. 52), por exemplo, “o texto não pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas para na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: O que o escreve e o que lê”. É exatamente nesse ponto de contato entre autor e leitor que se deve

propiciar a formação do sujeito-leitor e, para isso, é preciso que a escola confie na capacidade de reflexão do aluno para atribuir sentidos e esse tecido significativo que é o texto. Não se pode, simplesmente, nivelar o aluno “por baixo” e permitir que ele se decepcione de forma passiva frente ao texto. Tampouco se pode permitir que as atividades com leitura em sala de aula sirvam apenas de pretexto para avaliar a situação do aluno como decodificador de signos linguísticos.

A concepção de leitura assumida pela escola é respaldada pelos pais que, de modo geral, parecem se satisfazer quando, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, seus filhos decodificam os signos linguísticos de um texto. A atitude da família, no entanto, é reflexo do que foi a ela repassada pela escola e se constitui uma das características marcantes da leitura no espaço escolar. De outra maneira, podemos dizer que não se trata de a família sentir prazer ao ver seu filho assumindo uma atitude passiva frente aos textos, ela age assim – com empolgação – porque acredita que a atitude da criança naquele momento, é a representação mais fiel de o que é leitura para a sociedade.

A tentativa de romper com essa concepção de leitura encontra-se nas iniciativas de alguns professores que tentam inserir trabalhos com leitura que buscam a produção de sentidos. Para isso, utilizam, por exemplo, gêneros diversificados (bilhete, notícia jornalísticas, piada, carta pessoal, entre outros), em conformidade com o que preconizam os PCN – Ensino Fundamental (1998), a respeito de um trabalho produtivo ensino de língua portuguesa:

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas na situação de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero protótipo que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (PCN, 1988, p. 23-24).

Contudo, os meros usos de gêneros diversificados não garantem, por si só, um trabalho diferenciado com a leitura, em que estratégias diversas (de leitura) possam ser evidenciadas em favor da explicitação das condições de produção e de circulação de cada gênero, portanto, em favor da produção de sentidos.

É fundamental, portanto, que os professores conheçam a amplitude do trabalho com a leitura e compreendam que a leitura exige atividades diferentes daquelas que se prestam à sistematização e que geralmente “tomam conta” do espaço escolar devido ao mau uso do livro didático em sala de aula. Como se sabe, o livro didático, como o próprio adjetivo “didático”, quer dizer, tem o objetivo de instruir, exercitar, e não ser uma bíblia – palavra inquestionável”, como lembra Souza (1995) -, para ser utilizada do princípio ao fim pelos alunos. A esse respeito diz Munakata (2000, p. 565):

Destinado ou utilizado pela escola, o texto didático tampouco é uniforme na maneira pela qual constrói, mediante um “contrato” de leitura, seu modo de articulação como o trabalho de ensino e de formação a que procura auxiliar. Ele pode buscar preencher diferentes funções em sala de aula; pode se destinar a diferentes leitores; pode buscar construir diferentes formas de mediação entre os alunos e seu professor. Assim, os textos impressos didáticos podem servir como um instrumento de aprendizado dos alunos; podem também buscar organizar o trabalho cotidiano de ensino do professor. Podem ainda servir de complemento ao aprendizado do aluno; podem também buscar organizar o trabalho cotidiano de ensino do professor. Podem ainda servir como um instrumento de aprendizado do aluno e ao trabalho do professor, ensejando utilizações tanto individuais como coletivas. Podem também buscar servir de referência às atividades escolares, fornecendo instrumentos de consulta ou de acesso a documentos textuais e iconográficos. Podem buscar atender às necessidades de introdução dos alunos a textos, obras ou práticas, como a leitura literária. Podem buscar servir a todas essas finalidades de diferentes formas, construindo de diferentes modos a relação entre alunos e os objetos de conhecimento, entre professores e seus alunos, entre o professor e sua prática de ensino. (Munakata (2000, p. 565)

Todas as considerações feitas até aqui apenas demonstram o quanto a escola está na contramão dos ideais de uma sociedade letrada. Faz-se necessário, portanto, uma metodologia adequada que possibilite um melhor aproveitamento das práticas de leitura – e a sala de aula é o melhor laboratório para o desenvolvimento de novos métodos didáticos. Para isso, há uma necessidade urgente de políticas educacionais que contribuam efetivamente para a formação do professor, de modo a minimizar os efeitos da crise da leitura na escola.

Escola e sociedade precisam estar engajadas e entender que a multiplicidade de leituras que um texto possibilita é o resultado dos múltiplos sentidos percebidos e considerados nas diferentes condições de produção de leitura. Sendo, a cada leitura

realizada, mudadas suas condições de produção, teremos sempre novos olhares, novos sentidos a se atribuir a um objeto que já não é mais o mesmo.

Para encerrar essa reflexão acerca da formação do sujeito-leitor na escola destacamos as palavras de Manguel (1997), a respeito do aprendizado da leitura. Para esse autor,

[...] em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meios de livros, família rizando-se assim com um passado comum que ela remova, em maior ou menor grau, a cada leitura (MANGUEL, 1997, p. 89-90).

Ou seja, o sujeito-aluno constitui-se à medida que vai deixando de engatinhar ou de segurar na mão do professor para começar a dar seus primeiros passos no mundo da leitura: dialogando com as condições de produção e circulação do texto e estabelecendo gestos de leitura sobre esse objeto tão multifacetado que é o texto.

### 3.3 O USO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL

Faz-se necessário compreender como as crianças aprendem a linguagem escrita, como se tornam leitoras e produtoras de texto? Como se dá esse processo? É preciso pensar numa forma adequada de se iniciar esse processo já na educação infantil. Pretende-se trazer à tona a construção da leitura e da escrita e a discussão das práticas docentes nesse fazer pedagógico, levando o professor a valorizar e explorar o ensino da Linguagem Oral e Escrita, descrita nas Diretrizes Curriculares.

Considerando a realidade verificada de que todos os alunos não são iguais, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, modo de aprendizagem, condições ambientais, e compreendendo que todas as dificuldades, são em si mesmas contextuais e relativas, é preciso valorizar o processo de interação ensino-aprendizagem. Sabe-se que este é um processo complexo em que estão inseridas diversas variáveis. Mas, a aprendizagem do aluno não depende apenas dele, e sim do grau que a ajuda do professor proporcionará a ele.

O Incentivo a leitura e a escrita, para o favorecimento do mundo letrado como forma de despertar a imaginação da criança através da leitura, favorece muito a criatividade do aluno. A criança ao ler ou ouvir a leitura ela começa a viajar no mundo da imaginação e acaba entrando na história como forma de compreender a situação, por isso vemos na prática tantas perguntas ao ler para elas. Estes momentos de proximidades com livros e revistas nas séries iniciais, valorizam e estimulam a vontade de ler. A criança precisa ter contato com os livros e ainda ter contato com a leitura, mesmo ainda não sabendo ler para pagar o prazer pela leitura.

Notadamente é muito prazeroso o trabalho com crianças na educação infantil. Ela em seu mundo encantado do faz-de-contas como citado em vários estudos por Piaget e outros estudiosos da educação, a criança brinca e procura entender em seu mundo a sua volta que tudo se assemelha a realidade, ela busca comparações das mais criativas possíveis para comparar ao objeto que possua, ela recria este mundo de sua maneira. Com isso as crianças de modo geral atribuem funções aos objetos de formas incríveis, como podemos citar como exemplo o cavalo de pau, instrumento muito usado pelas crianças, ela recria como se estivesse em cima de



um cavalo de verdade. Estas realidades de brincadeiras são muito comuns nas comunidades de Zona Rural.

Diante destas análises podemos entender que o mundo infantil é totalmente diferente da realidade adulta. Estas práticas pedagógicas ajudam a desenvolver este senso criativo das crianças, os proporcionando momentos de grande interação com o aprendizado da criança.

A leitura e a escrita praticamente são as molas mestras no processo de aprendizagem de uma criança. Primeiramente a criança aprende a ler o mundo a sua volta, criando imaginações e dando nomes as coisas, tendo como ponto de partida sua visão. Com base nisso, a criança desde cedo adquire uma forma única de enxergar a vida, tendo ela sua leitura própria. Ler não quer dizer apenas decodificar os sinais da escrita, mas sim fazer uma ampla análise a sua volta do que o rodeia, podendo ou não haver a decodificação dos sinais.

A leitura e a escrita podem ser entendidas como uma decodificação e interpretação de imagens e símbolos, com os significados de identificar uma aquisição de linguagem, desenvolvendo aspectos relacionados ao físico e ao cognitivo do leitor.

Para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento. (SOARES, 2006, P. 13).

Com esta visão, SOARES (2006) quis dizer que para um bom desenvolvimento, é necessário que desde cedo se haja um incentivo maior para as duas representações, tanto a parte oral (ler para os amigos), quanto à parte escrita, (escrever para alguém), para que dessa forma se haja uma maior interação entre a leitura e a escrita de forma a ser ter uma harmonia entre o que se escreve quando pensa e o que se ler, com inferências e utilizando-se da imaginação como aliada no processo.

Com base nestas informações e diante das dificuldades de se ler na educação infantil, tendo em vista a enxurrada de opções atrativas de leituras descontextualizadas no mundo fora das escolas. Com todas estas situações, refletimos uma questão comum nos dias atuais qual a importância da leitura e a

escrita na educação infantil e suas contribuições para o desenvolvimento intelectual da criança.

Assim é possível afirmar que o educando não é objeto de sua aprendizagem, mas o próprio sujeito dela. A esse respeito Passarelli (2012) um aspecto que pode acentuar o medo do papel em branco é mostrar aos alunos que a escrita é um processo e, como tal, para escrever, as pessoas precisam se dar conta que somente com muita reflexão, rascunho, revisão, troca de ideias com outras pessoas e, às vezes, mais reflexão. Para que as crianças tenham a capacidade de descobrir o caráter simbólico da escrita, é necessário proporcionar-lhes situações em que a escrita se torne elemento de seu pensamento. Este aprendizado é avaliado como fundamental, ao lado de outras habilidades.

### 3.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

É importante ressaltar que a leitura é à base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Desta forma, é primordial que o educador tenha em mente que seu trabalho com as crianças de forma abrangente, deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento, fazendo com que cada criança envolvida neste processo tenha a compreensão de que a vivência em sociedade depende destes fatores essenciais. Com isso, o educador deverá ter consciência de que ele é uma das peças chaves deste desenvolvimento. Para isto, é necessário que o educador apresente uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

Baseando-se nos estudos de Vygotsky (2010), no conjunto de sua obra, ressalta a importância da criação de necessidades, o que propicia à criança elementos da riqueza cultural existente. Ampliar e enriquecer suas vivências implica, necessariamente, em não limitá-la às experiências de sua história individual e local, únicas vivências que a sociedade capitalista lhe reservou. Desta forma, o conjunto de situações que os estimulem a uma boa absorção, também trará para a criança riqueza cultural.

Diante do exposto anteriormente, torna-se claro que as atividades de produção escrita precisam ser motivadoras tanto intrínseca como extrinsecamente, já que interessa possibilitar ao aluno, por meio de um trabalho sistemático, o desenvolvimento de suas capacidades linguísticas, discursivas e textuais na língua, isto é o desenvolvimento de sua competência comunicativa (Fernandes, 2012).

Nessa obra, as autoras supracitadas criticam os métodos utilizados para alfabetização e afirmam que há uma “verdadeira escrita inibida pelos métodos tradicionais”, visto que estes utilizam a cópia como ferramenta fundamental. “A verdadeira escrita (...) seria a escrita espontânea: aquela que proporcionaria à criança pensar sobre as regras que constituem o sistema de escrita” (Passarelli, 2012).

A produção de textos na escola é uma atividade realizada como exercício para desenvolver a capacidade textual do sujeito. Por se tratar de um trabalho de reflexão individual e/ou coletiva que depende de uma série de habilidades, o papel da escola é criar situações interlocutivas propícias para que o estudante aprenda a escrever melhor seus textos.

É preciso que haja certo número de letras (2 a 4). Uma letra sozinha não representa nada escrito. As crianças rejeitam letras repetidas, pois só podem ser lidas palavras com letras diferentes. Mais tarde, pode haver dificuldade para perceber que uma oração pode ser fragmentada em pedaços e que cada pedaço é uma palavra a ser lida.

Há necessidade de novos posicionamentos em relação às práticas de ensino da leitura, através da discussão crítica dessas práticas e da participação e envolvimento efetivo dos professores na busca de soluções para a superação dos problemas que se apresentam.

Sendo assim, com este estudo busca-se contribuir e ao menos provocar a discussão de professores sobre propostas que possibilitem o melhoramento do problema da falta de interesse da leitura no processo ensino-aprendizagem. Notamos que as crianças hoje em dia tem preguiça ou se sentem desmotivadas a lerem em sala de aula, tendo em vista isso, percebemos que também levam esta realidade para o seu dia-a-dia.

As redes sociais até estimulam um pouco a leitura, porem de forma atropelada. O internetês, como assim podemos chamar-nos leva a pensar que a norma gramatical está meio que ficando de lado. As escritas estão ficando cada vez mais gritantes e que acabam levando para o seu uso diário. Vemos notícias na internet como um exemplo prático “as pérolas do Enem”, onde podemos ver os absurdos linguísticos das escritas dos alunos.

Como alternativas, podemos fazer reflexões acerca das concepções de leitura, e depois análises sobre as práticas de leitura que os professores têm usado em sala de aula, para desta forma, proporcionar a construção de diretrizes de práticas pedagógicas que estimulem a leitura e contribuam para a formação de efetivos leitores.

Assim, se buscamos o enfrentamento do problema da leitura visando a sua superação, estamos melhorando o trabalho dentro da disciplina de Língua

Portuguesa e, conseqüentemente, em outras áreas também. Com isso, todos ganhariam tanto o educador, que veria o seu trabalho tendo sucesso, quanto o educando que teria uma melhor compreensão do mundo letrado a sua volta.

Um dos principais desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois a aquisição da leitura é essencial para agir com autonomia nas sociedades letradas. Partindo desta situação, podemos entender que temos uma missão como educadores e futuros educadores, para que os educandos tenham este desejo pela leitura. Contudo, cabe a cada integrante deste processo fazer a sua parte que em uma união em prol de um tema tão comum nos dias de hoje, teremos bons resultados, mesmos que não sejam tão satisfatórios, mas com uma boa melhoria.

O desafio da leitura é um desafio tornar cidadãos participantes socialmente, que estes cidadãos possam exercer seu papel diante de seu meio de forma coerente e crítica. Para tanto devemos provocar este senso crítico no aluno através da leitura para que possam ler além dos muros da escola, sentido ativamente atuante no exercício de seu papel social. Porém, a escola é uma etapa muito importante nesse processo. A leitura é também instrumento para a participação do aluno, nas discussões da comunidade política.

Nos últimos anos podemos acompanhar as discussões acerca desta temática, estudiosos e pesquisadores famosos e anônimos passaram a veem este tema de forma diferenciada ao notar que as crianças têm outras motivações mais interessantes que as salas de aulas. Com isso, as discussões sobre a leitura aumentaram consideravelmente, circulando em reportagens, congressos, no ambiente acadêmico entre outros. Apesar disso, o trabalho com a formação de leitores não tem alcançado a eficácia necessária. Falta motivação para a leitura, falta interesse de o leitor buscar uma leitura, falta além de tudo isso, falta vontade de ler até como exemplo. Lê-se pouco, lê-se mal e até mesmo não se lê.

Se pararmos um pouco em uma rua movimentada ou em um consultório médico, como por exemplo, podemos ver inúmeras pessoas agarradas a um aparelho de celular, onde quase não se larga nem para dormir. Porem pouco se ver uma pessoa lendo um jornal ou uma revista, não que a modernidade não tenha algo para se ler, mas que leitura de verdade que proporcionem o crescimento intelectual pouco vemos. De forma lamentável, podemos citar que a modernidade está mudando os velhos hábitos de leitura tanto em casa, como na vida social, e até

mesmo nas escolas. São estes e outros comportamentos que têm levado o nome de nosso país negativamente para o mundo em termos educacionais.

Ferreiro (1996, p. 25) afirma ainda que para a alfabetização ter significado, a escola tem que trabalhar com a situação da criança, lendo histórias e com ingerências das mesmas crianças, que podem aprender as palavras, desde que tenham algum sentido ou com histórias que tenham significado para elas. Nesse viés, sustenta-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é também o ambiente, além do texto: falado ou escrito, marcado pela unidade de sentido que se forma numa resolvida situação discursiva.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados coletados através de questionários realizados com 05 (cinco), docentes atuantes na área educacional (ensino fundamental), egressos da escola campo de nosso estágio, sendo que 04 (quatro) deles possuem formação em Pedagogia e apenas 01 (um), tem formação em letras, sendo que todos afirmaram participarem de formação continuada aprimorando sua prática pedagógica, bem como sua didática para o bom exercício de suas funções. Saliente-se ainda, que para fins éticos optamos por preservar a identidade dos professores entrevistados em que pese todos terem concordado espontaneamente, em participar de nossa simplória pesquisa.

Objetivando pesquisar a forma de aprendizado das crianças atendidas naquela unidade de educação básica propusemos questionamentos abertos, onde todos os entrevistados tiveram a liberdade para expressar suas ideias e seus sentimentos em relação ao tema central de nosso simplório estudo. Para tanto, aplicamos três questões pontuais direcionadas os professores entrevistados a saber: “Como você acredita que as crianças aprendem a ler”? (quadro1); Que tempos e espaços são disponibilizados para as atividades de leitura e escrita? (quadro2); Como você avalia a sua prática e as aprendizagens construídas pelas crianças? (quadro3), obtendo às correspondentes respostas, conforme verificamos nos quadro abaixo:

##### Quadro 1

Como você acredita que as crianças aprendem a ler?
<p><b>Professor 1:</b> Acredito que cada criança <u>é única e se destaca pelo seu próprio desempenho</u>, assim como acredito que o exercício da leitura é de fundamental importância, se desde cedo as crianças tiverem contato com as palavras, e passa por todo aquele processo de leitura, não tenho dúvida <u>de que aprenderá a ler</u>.</p>
<p><b>Professor 2:</b> Como professora, sempre acreditei na ideia de <u>que toda criança aprende a ler e escrever de acordo com o que ver em seu dia a dia</u>, em outras palavras eu diria que para que ela desperte esse hábito é necessário passar por níveis de alfabetização, a prática é indispensável, nesse caso é necessário que o</p>

adulto o incentive a isso, levando-o para o conhecimento.

**Professor 3:** Sabemos que a infância é um período muito importante, onde começamos a descobrir de tudo um pouco, assim como sabemos que uma criança não aprende a ler da noite para o dia, então não temos o que questionar quando meu filho ou meu aluno vai aprender a ler e escrever? Tudo no seu tempo, aos poucos a criança desperta o conhecimento sobre as letras e palavras, aí surge a aprendizagem.

**Professor 4:** Acredito que se aprende a ler quando há estímulo da família em casa e do professor na escola, isso faz com que a criança pratique em sua mente o exercício da leitura, e então consiga a distinguir as primeiras letrinhas e associando às pequenas palavras, quando então aprende-se a ler.

**Professor 5:** O processo de leitura de uma criança é um momento de extrema importância tanto para os professores quanto para os pais, sempre acreditei que o aluno carrega em si a capacidade de despertar sua função simbólica e da memória que aos poucos vai associando uma coisa a outra e no caso da leitura não é diferente. E desse modo começam a ler e aprendem a escrever.

Fonte: Elaboração própria a partir das respostas dos entrevistados. 2017.

A professora 1 respondeu que o processo de leitura acontece de formas diferentes, onde cada criança se destaca por seu próprio desempenho, onde a mesma afirma que é necessário desde cedo as crianças terem acesso às palavras, ou seja, o exercício da leitura torna-se fundamental e necessário.

A segunda professora implica na ideia de que haja estímulo de terceiros, nesse caso um adulto o incentivando para o conhecimento da criança e que para despertar o hábito da leitura é necessário passar por níveis de alfabetização, onde a prática torna-se indispensável.

A professora 3 enfatiza que não há um tempo certo nem determinado para se aprender a ler, que esse processo acontece aos poucos e de forma natural, ressalta também que é a partir do conhecimento com as letras e as palavras que surge a aprendizagem.



Já a professora 4 acredita que o estímulo é parte principal para que ocorra o processo de leitura, onde tanto o professor quanto a família pratique com a criança o exercício da mesma, somente dessa forma desenvolverá o hábito e aprenderá a ler.

De acordo com as respostas obtidas pelas professoras, observa-se que as mesmas afirmam de forma minuciosa que o aprendizado se constrói de acordo com o intelecto de cada criança, onde um deles (professor 4) implica na ideia de que haja estímulo de terceiros, nesse caso um adulto o incentivando para o conhecimento da criança. Ressaltamos dessa forma que a leitura é indispensável nos primeiros anos da educação infantil e fundamental.

Passemos então, ao segundo quadro:

## Quadro 2

Que tempos e espaços são disponibilizados para as atividades de leitura e escrita?
<b>Professor 1:</b> Sempre trabalho a leitura com meus alunos, usando os próprios livros deles, em sala de aula, sempre seguidos de exercícios, costumo ler os desafios juntamente com eles, e acredito que isso aos poucos vai desenvolvendo o hábito de leitura juntamente com a escrita em cada um deles.
<b>Professor 2:</b> Reservo sempre um tempinho, ou seja, algumas horas para ler com eles, falo da importância da leitura em nossas vidas, o quanto é necessário o ato de ler e ponho em prática durante algumas horas com minha turma. Quanto a escrita, trabalho no dia a dia em sala.
<b>Professor 3:</b> Como trabalho em uma turma de série inicial, procuro usar dinâmicas, jogos de vogais, levo sempre a turma para o cantinho da leitura, leio histórias para eles, faço a interpretação onde todos participam. E a escrita trabalho todos os dias, o importante é não deixar de lado essa prática.
<b>Professor 4:</b> Sempre trabalhei a leitura dentro de sala mesmo, reservando algumas horas durante minhas aulas para a leitura em grupo e até mesmo individual, porém sempre houve essa questão de alguns lidarem melhor que outros, tenho alunos que conseguem ler perfeitamente, já outros só algumas palavras. E isso também acontece na escrita, mesmo praticando nas aulas.

**Professor 5:** Utilizo sempre a sala de leitura, durante algumas aulas semanais, levo minha turma, leio com eles, peço que cada um leia um trecho ou um parágrafo em seguida escreva sua opinião com relação ao que foi lido e assim por diante, é desse modo que trabalho a leitura e escrita nesse intervalo de tempo e espaço.

Fonte: Elaboração própria a partir das respostas dos entrevistados. 2017.

Conforme a indagação, a professora 1 afirma trabalhar a leitura com seus alunos fazendo uso de livros, onde utiliza exercícios, e faz o uso da leitura em equipe, dessa forma, a mesma acredita que aconteça o processo de leitura e escrita em sala de aula.

A segunda professora registrou que é necessário reservar sempre algumas horas durante as aulas semanais para trabalharem essa questão de leitura e escrita, onde o principal objetivo é atender às necessidades dos alunos.

A professora 3 falou acerca da utilização de dinâmicas, acreditando na ideia que isso torne as aulas mais prazerosas, já que a mesma trabalha com uma série de educação infantil, ela relata também que tanto o exercício da leitura, quanto da escrita são indispensáveis no dia a dia das crianças.

Já a professora 4 ressalta algumas dificuldades que encontra em alguns de seus alunos, ou seja, nem sempre eles conseguem aprender no mesmo intervalo de tempo, onde uns desenvolvem a prática de leitura mais rápida que outros, a mesma afirma reservar algumas horas de suas aulas para as atividades de leitura e escrita.

Seguindo essa linha de pensamento, a professora 5 reforça o quanto é importante e necessário disponibilizarem tempo e dar espaço para que os alunos entrem em contato com a leitura e escrita, afirmando dessa forma, trabalhar esses conteúdos durante suas aulas semanais.

Esse segundo questionamento abordou tempo e espaço disponibilizados para atividades de leitura e escrita, onde nesta etapa nota-se que todos os professores afirmam trabalhar de modos diferenciados a leitura e a escrita, reservando tempo e espaço no ambiente escolar, trabalhando conteúdos diversos, considerando que são assuntos relevantes na aprendizagem dos alunos. Exponha-se o próximo quadro:

### Quadro 3

Como você avalia a sua prática e as aprendizagens construídas pelas crianças?
<b>Professor 1:</b> Talvez não seja a melhor minha maneira de trabalhar essa questão com as crianças, porém tenho obtido êxito quando se trata do processo de aprendizagem de meus alunos e fico bastante satisfeita quando vejo que está dando tudo certo.
<b>Professor 2:</b> É sempre satisfatório quando vejo que minha prática tem contribuído para que meus alunos construam seus conhecimentos e aperfeiçoem seu processo de aprendizagem.
<b>Professor 3:</b> Procuro sempre avaliar de maneira mais prática e simples onde observo o desempenho de cada um deles após cada exercício e nem sempre todos obtém bons resultados, mesmo assim me sinto com dever de papel cumprido por ter feito minha parte e saber que meus alunos estão desenvolvendo-se.
<b>Professor 4:</b> O método de avaliação requer muita atenção e sempre busco avaliar não somente de forma individual, mas em equipe também, onde lanço desafios e a equipe tenta resolver, e ao final percebo que todos estão desenvolvendo-se e construindo novos conhecimentos.
<b>Professor 5:</b> As aprendizagens adquiridas pelas crianças, trabalho sempre de maneira participativa e avalio de forma positiva sempre e acredito na capacidade de cada um.

Fonte: Elaboração própria a partir das respostas dos entrevistados. 2017.

Com base na indagação acima, a professora 1 classifica sua prática como positiva, mesmo admitindo não ser uma das melhores, porém relata com clareza que vêm obtendo êxito no processo de aprendizagem de seus alunos.

A segunda professora relata o quão é satisfatório ver que contribuição de sua prática está contribuindo para que seus alunos adquiram novos conhecimentos durante o processo aprendizagem.

Já a professora 3 sintetiza uma avaliação simples e prática que quase sempre obtém diferentes resultados, procurando sempre analisar o desempenho de seus alunos diante dessa prática utilizada pela mesma.

A quarta professora fala a respeito do seu método de avaliação, e seus desafios propostos aos alunos, onde, somente dessa forma é possível avalia-los, seja de forma individual ou em equipe, complementa ainda que ao final desse processo analisa os conhecimentos adquiridos por cada um deles.

A professora 5 comenta que trabalha de maneira participativa, a qual acredita na capacidade dos alunos, e ainda complementa de forma positiva sua prática e que isso resulta sempre em um bom desenvolvimento dos mesmos.

Neste último questionamento (quadro 3), foi abordado a prática e aprendizagens utilizadas pelos professores, resultando em aprendizagens construídas pelas crianças, onde observamos que cada professor afirmou disponibilizar tempo e espaço para os exercícios de leitura e escrita, admitindo que cada professor possui sua diferente maneira de avaliar a prática utilizada, sendo essas: em grupo, participativa ou individual, quase todos acreditam na capacidade de seus alunos e em seu potencial, levando em consideração um percentual positivo quando se trata de aprendizagens construídas pelos próprios alunos.

Da análise das respostas obtidas, cotejadas em linhas gerais, restou comprovado que os que o aprendizado infantil, se constrói paulatinamente de acordo com o intelecto individual infantil em consonância com os estímulos externos (ambiente social) de cada criança, onde o incentivo dá leitura, partindo de uma leitura de mundo contextualizada, com o nível cognitivo de cada educando, propiciando o prazer pelo ato de ler, compreender e sentir o mundo fabuloso que o ato de ler proporciona, capacitando assim esse educando para voos mais seguros pelo mundo cognitivo ao longo de sua vida acadêmica, eis que o gosto pela prática da leitura viabiliza um universo a parte e tal fato implica diretamente no desenvolvimento psicossocial do educando que por sua vez atuará decisivamente em sua esfera familiar, educacional e humana eis que se revelam por si só um indivíduo consciente de seus direitos e deveres, na esfera política e social, na construção do empoderamento pelo exercício da cidadania plena.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das informações obtidas nesta pesquisa buscaram compreender o processo de leitura no dia a dia escolar e o espaço que a mesma ocupa no contexto educacional, dessa forma permitiram problematizar as afirmações sobre a ausência de leitura nos meios populares e suas consequências cognitivas, onde a mesma é o principal objeto de transformação dos alunos, inculcando nestes, a importância da leitura para sua realização profissional futuramente. Desta feita, podemos verificar e comprovar o quanto o hábito da leitura tem sido importante para o desenvolvimento da criança, tendo no educador um agente dinâmico e facilitador indispensável nesse processo de leitura e escrita particularmente nos anos iniciais da educação básica, que ao nosso sentir, marcará decisivamente à história educacional de cada educando.

Dessa forma, concluímos que o hábito da leitura surge a partir de estímulos, e a forma como ela é trabalhada colabora profundamente na formação e criação de uma geração habituada ao exercício e vivência contextualizada da leitura, que certamente proporcionará a esse aprendente um novo horizonte no que tange ao aprendizado capaz de libertar os leitores não somente do analfabetismo clássico bem como ao funcional que caracteriza aquele indivíduo que sabe, mas não gosta de ler!

## 6. REFERÊNCIAS

- ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: associação de Leitura do Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da comunicação, 2002.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALLO, G e CHARTIER, R. (Org). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo; Ática, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiano Nascimento. São Paulo: estação da Liberdade, 2001.
- GRETEL ERES FERNANDES (coord.) **Gêneros textuais e produção escrita : teoria e prática nas aulas de espanhol como língua estrangeira**. São Paulo : IBEP, 2012.
- LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LUDK, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- MUNAKATA, K. Livro didático: produção e leitura. In: Abreu, Márcia. (Org.). **Leitura e história da leitura**. Campinas – SP: Mercado de Letras 2000.
- RICHARDSON Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. Ed. São Paulo: Cortez: 1987.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PASSARELLI, LÍLIAN GHIURO. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo : Telos, 2012.



## APÊNDICE

### Questionário Aplicado

Dados pessoais do entrevistado:

Nome:

---

Idade:

---

Qual é a sua formação?

---

Porque você optou pelo magistério?

---

Como foi seu ingresso como professor (a) na Educação Infantil/Educação Fundamental?

---

---

Você já participou de formação continuada?

---

### Contextualização do Ambiente de Trabalho

Em sua opinião, como você vê à escola do ponto de vista físico e estrutural?

---

---



Há quanto tempo você trabalha nela?

---

Quem são seus alunos (aspectos psicossociais)?

---

Como são suas relações interpessoais na escola (com as crianças, com a família, com os demais funcionários)?

---

---

Como são as suas condições de trabalho (a escola é estruturada, dispõe ou não de recursos, etc.)?

---

---

Como está organizada a sua sala de aula?

---

---

Descreva sua rotina de trabalho:

Que tempos e espaços são disponibilizados para as atividades de leitura e escrita?

---

---

Como você acredita que as crianças aprendem a ler?

---

---

---

Como você avalia a sua prática e as aprendizagens construídas pelas crianças?

---

---

---